

Stadium

N.º 107 ★ 20 DE DEZEMBRO DE 1944 ★ PREÇO 1\$50



VER NESTE NÚMERO

Os jogadores de futebol fora do seu ambiente:
O OLHANENSE
em Lisboa

NO MUNDO DA BOLA

Os estudantes de Madrid podem fazer desporto

Uma reportagem no MARE NOSTRUM

BELENENSES e BENFICA

EM LUTA

Rosa, no domingo em excelente tarde, intervem para evitar o remate de cabeça de Eloi

Análise da época de 1944

pelo dr. SALAZAR CARREIRA

VI - OS LANÇADORES

O atletismo português foi sempre fraco neste capítulo de lançamentos, não sómente porque as marcas são comparativamente inferiores às das corridas e saltos, mais porque são em muito menor número os concorrentes especializados.

Para formar ideia concreta desta inferioridade basta confrontar os números que traduzem, pelos pontos da tabela finlandesa, as médias da soma dos três melhores resultados da época em corridas, saltos e lançamentos: aos 27 resultados das nove provas oficiais de corrida correspondem 750 pontos; aos 12 resultados dos quatro saltos correspondem 714; e os mesmos 12 dos quatro lançamentos apenas valem a média de 628.

A causa principal desta deficiência, além do efeito reflexo, tanta vez apontado por nós, da complicação técnica, que não se coaduna com a habitual preparação rudimentar dos nossos atletas, é irremediável, pois a fundamentamos numa característica biotípologica da gente portuguesa, onde são raros os homens de elevada estatura e forte poder físico.

Devemos no entanto notar, para relativa satisfação, que a temporada finda foi aquela que alcançou maior média nas marcas dos lançadores; o «record» pertencia a 1939, com 623 pontos, ano em que Ruivo e Herculano estabeleceram os seus máximos nacionais no peso e no martelo.

Esta melhoria resulta da existência actual de três lançadores do martelo e da súbita de forma de Manuel da Silva e de Emídio Ruivo. Estes dois atletas e o mestre Herculano Mendes ocupam sete dos nove postos de vanguarda nos lançamentos de peso, disco e martelo.

Herculano Mendes, que se arrependeu da despedida que oficialmente anunciou após os Nacionais de 1943 (parece-nos, pelos repetidos exemplos de retorno, que deviam ser proibidas estas manifestações públicas de falsas despedidas), provou que pode ainda ultrapassar a sua boa marca do martelo e atingir, em tarde feliz, os cinquenta metros. Dispõe da melhor técnica, com perfeito equilíbrio nas rotações, o que é o segredo essencial do êxito; consideramo-lo um elemento que a Federação devia aproveitar para fazer escola, tanto mais que já demonstrou, durante a sua permanência em Maceira, eficazes dotes de ensino.

Manuel da Silva, o mais persistente e voluntarioso de todos os praticantes de atletismo que temos conhecido, progrediu consideravelmente mas ficou ainda muito longe dos limites dos seus recursos. Conserva alguns dos defeitos de sempre, que não corrige porque em treinos se preocupa mais com os resultados das tentativas do que com o aperfeiçoamento da técnica e, principalmente, com a coordenação dos movimentos. É um contraído que, por isso mesmo, não domina as acções musculares e se desequilibra durante as manobras que precedem o lançamento e nos quais é indispensável a mais perfeita auto-fiscalização dos gestos e forças aplicadas.

Consideramo-lo capaz de ultrapassar os

actuais «records» portugueses do disco e do martelo, sobre tudo do primeiro destes lançamentos, em que possui excelente chicotada final, prejudicada em grande parte pela errada trajectória da pirueta preparatória, que executa em permanente desequilíbrio para a esquerda.

Emídio Ruivo é, praticamente, a inversa do seu camarada de clube: um habilidoso a quem falta o fogo sagrado para uma preparação metódica. Conseguiu este ano o seu melhor resultado com o disco, mas no peso — que é a sua melhor prova — estaciona em marcas apenas mediocres, porque obscura o treino aturado e, também, porque utiliza insuficientemente o trabalho das pernas na impulsão final. É defeito que vem de longe e só poderá remediar com trabalho apropriado e insistente durante os doze meses do ano, coisa que está muito longe dos seus hábitos.

Para completar a lista dos melhores da época nas modalidades, falta uma referência a Tomás de Macedo.

O lançamento do dardo é a mais pobre das nossas especialidades atléticas — como se verifica novamente pelo confronto dos melhores números da temporada: martelo, Herculano Mendes, 44,57 m., 764 pontos; peso, Emídio Ruivo, 12,85 m., 701 p.; disco, Manuel da Silva, 39,60 m., 699 p.; dardo, Tomás de Macedo, 48,54 m., 561 p. O exercício, de difícil execução, require cuidada especialização e profundos conhecimentos técnicos — que no meio português não existem.

Tomás é, sem dúvida, o mais bem dotado dos lançadores do dardo, agora que se acentua declínio inexplicável de António Cadete; tem recursos para chegar muito longe, bastante além dos fatídicos cinquenta metros, mas para isso necessita de trabalhar sem férias e sujeitar-se a ginástica especial de movimentação e elasticidade articular.

Apreciados os cabeças de série da lista de lançadores, completemos a análise com uma rápida revista geral aos seguintes.

No lançamento do peso apenas dois nomes, os de dois novos cuja hora se aproxima, merecem ser referidos: Pinto Basto, que passou à categoria superior sem haver conseguido conquistar um «record» que tinha legítimo direito; e Jorge Camões, cujo desinteresse durante a época muito lamentamos, depois dos seus auspiciosos 11,36 m. no campeonato universitário.

Entre os novatos, aqueles que apenas manearam ainda a esfera de cinco quilos, mostraram possibilidades o futebolista António Feliciano, Francisco Bernardes e Carlos Faria.

Entre os discóbolos, à parte José Luis Silva, que não quis trabalhar e perdeu assim ingloriamente um ano na sua carreira desportiva, não se encontram especialistas feitos que possamos considerar como garantias de reforço; os melhores foram ainda lançadores de ocasião, como Fernando Ferreira e Edgar Tamegão.

As probabilidades de renovação temos de ir buscá-las mais longe, aos que principiaram agora: Prouença, Homero Reis, Pinheiro Gonçalves, Francisco Miranda, Seródio Gomes e, já mais perto da realidade, Pinto Basto.

No lançamento do dardo, além de António Rodrigues e Cadete, que não podemos considerar na rota ascendente, só encontramos Trigo de Mira, habilidoso mas desinteressado, e Ludovino Martins, a quem faltam infelizmente os mais rudimentares elementos de técnica.

Finalmente, com o martelo, podemos contar com Bustorff Ferro, que este ano não pôde preparar-se convenientemente, e com José Luis Silva, cuja tentativa de ensaio, feita sem a menor aprendizagem metódica, foi contudo concludente.

PRODUZIR
— PARA —
PROGREDIR

NO seu notável discurso, pronunciado na sessão de homenagem que lhe foi consagrada pelos organismos portugueses, quando da sua recente visita ao Porto, o sr. Director Geral de Desportos disse: «Deixo-vos uma directriz para os esforços em que andais empenhados e que pode ficar talvez como a palavra de ordem para toda a acção dos responsáveis pela orientação do movimento desportivo em Portugal: produzir para progredir. Que cada um se compenetre da necessidade de preparar o seu próprio destino, do indispensável respeito pelo produto do trabalho alheio.»

E, mais adiante, acrescentou: «Temos de enfrentar o futuro trabalhando por ele; confiar no resultado da luta contra os obstáculos na estrada da vida — individual ou colectiva — porque de antemão se soube preparar os elementos para o triunfo: educar, fazer escola, gerar mentalidade clubista nos novos, para que depois de homens sejam desportistas por idealismo e não porque o interesse os comanda.»

A doutrina que estas palavras encerram não foi dada a divulgação a que tem jús; a imprensa da capital não se apercebeu dela e, no entanto, nela se resumem todos os fundamentos de uma ética por onde se podem reger perfeitamente os esforços actuais de moralização dos costumes e dos processos de dirigência e prática desportiva.

A palavra de ordem do chefe do desporto português, lida inteligentemente adaptada às circunstâncias do momento, justificou com clareza nos comentários que desenvolveram a concisão da fórmula — pode de facto ser assimilada por todos os elementos responsáveis pela actividade dos organismos desportivos ou pela orientação de opinião pública e da população desportiva.

Quem queira melhorar o rendimento das suas manifestações de actividade, valer-se-á dos próprios recursos, fomentando energias, intensificando trabalhos, educando e captando colaborações; assim se conquista o direito construtivo de produzir mais e melhor, colhendo os benefícios dos próprios esforços e nunca valendo-se da força ou do poder para aproveitar os frutos já sazoados dos albos que outros cultivaram e cuidaram.

Pela nossa parte, aceitamos a indicação e, no cumprimento do que nos parece um dever, e ela subordinaremos a nossa acção — sem para tal necessitar mudança de rumo — e procuraremos sempre aplaudir e incitar todos aqueles que se empenham em produzir, no anseio legítimo de progredir.

DE LUTO

Capitão ANTÓNIO CALADO

SURPRENDEU-NOS dolorosamente a morte do capitão António Calado, oficial de cavalaria muito distinto e grande impulsor do hipismo em Portugal. Era uma figura particularmente simpática, que acompanhou de perto o desenvolvimento do desporto hípico, contribuindo, com os inúmeros prémios que alcançou, para o conceito em que é tida, além fronteiras, a cavalaria portuguesa.

A sua carreira de cavaleiro começou cedo e pode dizer-se que acabou em 1919, quando passou à reserva. As suas qualidades levaram-no algumas vezes às equipas que representaram o país em concursos no estrangeiro.

Vencedor em 1904 do Campeonato do Cavalão de Guerra e 2.º classificado da mesma prova no ano imediato, António Calado alcançou depois vitórias brilhantes e número notável de prémios. Faz parte de um grupo de cavaleiros de fama, entre os quais figuravam Jara do Carvalho, Casal Ribeiro, Silveira Ramos, Manuel Latino, Alto Mearim, Carlos Veloso e Lusignan de Azevedo, e desempenhou papel muito brilhante no Grande «Rato» Hípico de 1907.

A família enlutada, e em especial a seus filhos, capitão aviador Nuno Calado, entusiasta dos desportos náuticos, e alferes Henrique Calado, cavaleiro dos mais brilhantes da actual geração, apresenta Stadium a expressão do seu profundo pesar.

Ano III — Lisboa, 20 de Dezembro de 1944 — II Série — N.º 107

STADIUM

REVISTA DESPORTIVA

Director e Editor: DR. GUILHERMINO DE MATOS

Propriedade da

SOCIEDADE DE REVISTAS GRÁFICAS, LDA.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Travessa Cidadão João Gonçalves, 19, 3.º

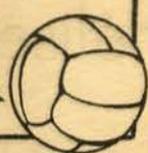
TELEFONE 5 1146 — LISBOA

Execução gráfica de NEOGRAVURA, LDA. — LISBOA

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



NO MUNDO DA BOLA



PELO "Jornalista DESCONHECIDO"

O FUTEBOL servindo a guerra

DE JOGADOR A TREINADOR

A BOLA seu peso e feição

Os artilheiros, encarregados das peças de fogo, e os aviadores dos bombardeiros nocturnos, têm de ver o mundo através de óculos negros. A visão nocturna não se adquire acidentalmente. Em escolas especiais de treino, o olho de gato desses homens pode desenvolver-se até chegar a 25, e às vezes a 40%, de superioridade de visão sobre o homem normal, na escuridão.

Nas escolas aliadas há vários sistemas engenhosos para atingir aquele fim — a melhor visão possível na escuridão. Um dos métodos mais adaptados consiste em jogar futebol com óculos escuros. Prova-se, mais uma vez, que o desporto até serve a guerra em muitos casos.

O «tiro à esquerda» de Valadas

Ribeiro dos Reis proferiu o discurso de saudação a Valadas na festa de despedida do conhecido extremo esquerdo internacional.

Em certo passo, depois de ter referido — um dribling «à Alvaro Gaspar»; um remate «à Artur José Pereira»; uma cabeça «à Vítor Silva»; um mergulho «à Roquetes»; uma abertura «à Augusto Silva»; um arranque «à Soeiro» — disse que Valadas também não deixa uma recordação memorável: o seu famoso tiro à esquerda.

LEMBRA-NOS QUE...

O protesto do Sporting, a propósito do jogo de Setúbal, baixou ao Conselho Técnico da Federação de Futebol. Vão ser ouvidos o árbitro e os juizes de linha.

Felix Bermudes lamenta, num artigo publicado no órgão do Benfica, que aos organismos dirigentes do Futebol Nacional tivesse passado despercebido, e sem referência, o salutar exemplo dado pela população associativa do Benfica, no jogo deste clube com o Estoril, premiando com calorosas ovacões o esforço e a actuação de Valongo.

Ao vencer o Campeonato de Lisboa, o Sporting recebeu o seguinte telegrama do Atletico Aviação, de Madrid:

Cordeal enhorabuena por merecidissimo triunfo saludos muy afectuosos.

Analisando o problema da requisição de bilhetes por parte dos clubes — requisições tão elevadas que poucos ficariam para a venda — a Federação resolveu adoptar o mesmo critério da época passada.

O membro do Conselho Técnico da Federação, sr. João de

Um treinador ignorado

revendo uma ideia generalizada

Ha formada a opinião geral de que o treinador de futebol deverá ter sido jogador, e de grande categoria. Não se deverá concluir, no entanto, que só poderá ser um bom treinador o que tiver calçado com mestria as botas de futebol.

É evidente que ter sido um grande jogador reflecte-se depois nas suas novas funções, porque o praticante, recordado ainda das grandes exhibições que lhe viu, observa o treinador através do prestígio e da auréola do jogador, mostrando tendência para o acatamento completo e voluntário das suas indicações. Quere dizer, o aluno não dúvida da ciência do mestre.

Por outro lado, o treinador nestas condições tem a vantagem do saber de experiência feito, podendo transmitir aos que estão sob as suas ordens aquilo que na prática conseguiu aprender.

Regra geral, dever-se-á investir nas funções de treinador antigos jogadores, sobretudo aqueles que reunam um mínimo de qualidades didáticas.

Isto é uma coisa. Generalizar o caso é outra. Nem todos os jogadores servirão para treinadores.

Nem todos os jogadores de grande categoria se transformam em treinadores, já não dizemos excelentes mas aceitáveis. Podíamos citar exemplos, mas não vale a pena ferir susceptibilidades por tão pouco... Até porque estamos num Mundo da Bola, em que o mais bem intencionado reparo ao trabalho dos dirigentes, ou de quem quer que seja, na aspiração de melhor organização, é logo tido por esses dirigentes como má acção.

Há, evidentemente, jogadores que jogaram bem por simples vocação, e não por estudo, incapazes, quantas vezes, de explicarem como se deve fazer, mesmo como eles faziam. É fora de dúvida que tais homens não servem para uma função em que é preciso ensinar, corrigir e aconselhar, envolvendo aspectos que não se circunscrevem ao limitado pontapé na bola.

Em contraste, há indivíduos que foram maus jogadores, por falta de vocação e habilidade, que se transformam em esplêndidos treinadores. São pessoas que, tendo deixado de jogar, aprenderam o suficiente do jogo, embora executando mal, e depois estudaram cientificamente o futebol, aprendendo ainda as bases de outras ciências necessárias ao jogo, desde a anatomia à psicologia. Servidos, muitos vezes, por instrução especial, estes indivíduos, que não foram ases, são magníficos treinadores.

Tudo isto nos ocorreu a propósito de um treinador de futebol: o sr. Artur Baeta. Já em tempos, no Curso de Treinadores promovido pelo Século, tínhamos dado por ele, e recentemente também se assinalou no curso da Federação.

Estamos em presença de um verdadeiro treinador. A sua obra no Barreirense, principalmente no aspecto da formação de jogadores, foi notável. Os leams dos novos muito lhe ficaram devendo. Assentando a sua vida na Covilhã, a sua acção fez-se logo sentir no Spor-

Noutro dia, nesta mesma página, lembrámos a necessidade de adoptar a mesma bola, em peso e feição, para os desafios de futebol — ou, pelo menos, uma bola devidamente controlada pelas Comissões Distritais, afim de se poder garantir o seu peso e medida regulamentares. Os dirigentes, preocupados certamente com graves problemas, não se dignaram ligar importância ao caso...

Passados alguns dias, eis que um crítico reputado, o capitão Ribeiro dos Reis, em exemplo fornecido pelo último Benfica-Académica, vem alinhar ao nosso lado na luta a favor da bola regulamentar, emitindo o seu parecer da seguinte forma:

Foi regeitada a bola apresentada pelo grupo de Coimbra, por ser muito pequena.

Convém, realmente, que os árbitros dediquem atenção ao assunto, verificando se as bolas satisfazem às condições regulamentares. Alguns clubes apresentam bolas que são mais próprias para «handball» do que para futebol.

Com vista sobretudo aos jogos internacionais disputados lá fora, é preciso exigir que se cumpra o que está determinado nas leis do jogo.

ting local, vencedor do título regional, organizando com método os grupos e preparando numerosa camada de jogadores. Quando, agora, se despediu daquela terra, para se mudar para Torres Vedras, onde se encontra, envolveu-o uma atmosfera de carinho e respeito. Como este, outros exemplos se poderiam citar em reforço da nossa tese.

Poderá afirmar-se que quem foi grande jogador tem a enorme vantagem de, em certa altura, ensinar pelo próprio exemplo, executando ele próprio o pontapé e o remate. São exemplos raros, não se podendo dizer que esta qualidade seja absolutamente indispensável. Todas estas considerações tendem, no fundo, à criação de um «Curso de Treinadores», mas como deve ser — e não uma coisa com seu quê de pitoresco.

RESTAURANTE B A R

SMARTA

PASTELARIA SALAO de CHÁ

TELEF.: 41583 — R. de Rodrigues Sampaio, 52 — TELEF.: 41583

O desportista que almoça e janta no SMARTA É UMA PESSOA DE BOM GÔSTO



O tripulante olhanense que chegou a Lisboa é reconhecido e trouxe a esposa até à capital. Viagem de negócios...

não! — respondeu-nos José Mendes, que dirige tècnicamente o grupo, ao lado do antigo jogador Cassiano do Carmo.

— Os meus pupilos estão com uma vontade grande. Mas tudo é contingente. Há grupos valorosos na prova e é preciso contar com eles...

Um a um, os olhanenses seguem a série de perguntas e de respostas, entre o jornalista e o treinador.

— Estranham o ambiente?

— Não! Vamos estranhar hoje, mas muito, o terreno molhado. Jogamos raso e o mau tempo d'este domingo não deve permitir o nosso trabalho habitual. E é pena!

— Mesmo assim... — aventurou o guarda-rêdes, Abraão — mesmo assim, o Olhanense não perderá a esperança de se classificar muito bem.

Aproximou-se do grupo, respeitosamente saúdado, o sr. Lourenço Mendonça.

José Mendes apresenta: — O presidente do Sporting Clube Olhanense.

E nós — imediatamente: Parece ao representante da «Stádium» que está em presença de uma equipa excelentemente moralizada, disposta a bater-se pelo título...

— Mas absolutamente!

— Ganha o Olhanense, n'esse caso?

— Não sei... Pelo sim, pelo não, eu confio no grupo. E mais confiaria se nos fosse autorizada a inclusão do jogador que considero o melhor interior direito português...

—?!...

— João da Palma. E' de toda a justiça que assim acontece, pois vive em Olhão com sua mãe, mulher e filhos. Está estabelecido com uma casa de bicicletas e a sua vida é toda dedicada a este comércio. Não sairá do Algarve — e visto que o futebol português carece de elementos novos — João da Palma será tão preciso ao Olhanense como ao País.



Em despedida pela Estação, vendo os melhores esportistas...

O Sporting Clube Olhanense é um agrupamento que o público estima. Mercedemente. Foi campeão de Portugal, produziu jogadores de classe, como o inolvidável «Tamanqueiros», Galvão, José Carlos Delfim, Júlio Costa, Cassiano e tantos mais. No actual momento, o campeão algarvio tem aspirações. É grande o seu entusiasmo, e quasi todos os seus componentes nos disseram «que sim» — que se preparavam para conquistar o campeonato nacional. — Mas sem dificuldades? — Inquirimos de um grupo onde estavam Grazina, Abraão, Moreira, Paulo e Cabrita.

— Não, isso

O que pensam os clubes?
 Hora do seu ambiente
 Que se o OLHANENSE
 em Lisboa



A caminho da Avenida, a tomar um pouco de ar

— Mas a transferência foi recusada?

— Não. Está em estudo. A exposição do Olhanense foi considerada completa. Estamos à espera.

Os jogadores do Olhanense, e José Mendes, seu orientador, ouviam interessados a conversa com o sr. Lourenço Mendonça, presidente do clube.

Já na despedida, — um golpe de vista pelo futebol algarvio. Informa José Mendes:

— Os desejos do Portimonense valorizaram o futebol da nossa região.

Tanto melhor. O Olhanense só deseja que assim aconteça — para seu próprio prestígio!

Eram horas de almoço.

A chuva, impertinente, continuava a bater nas janelas do hotel.

E os rapazes do Olhanense, habituados ao extremo sul, arripiavam-se...

E pensavam no jogo da tarde...

De regresso ao hotel, mais um golpe de vista aos Restaurantes



Clube Náutico "MARE NOSTRUM"

A classe "Borja",
um dos tipos cria-
dos pelo "Mare
Nostrum".



pelas nuvens cinzentas, prenúncio do inverno desagradável e triste. O mar já não é azul. Sobre as suas ondas raro aparecem as velas brancas e elegantes dos barcos de recreio e de desporto. Os nossos velejadores sentem a nostalgia do mar. Os seus músculos, endurecidos pela manobra, vão ter mais repouso. É o período de descanso dos desportos náuticos no aspecto de competição — que os treinos mantêm-se e os desportistas aproveitam todos os bocadinhos de bom tempo para uma largada no rio...

É a ocasião de recordar a actividade dos nossos desportos náuticos na "temporada" que está concluída. Antes, porém, prestamos justa homenagem ao Clube Náutico "Mare Nostrum", trazendo a público alguns dos mais significativos aspectos da sua dedicação e interesse pelo desporto da vela.

Em Abril de 1936 um grupo de funcionários dos Hospitais Cívicos de Lisboa procurava dar realidade a uma simpática ideia: fundar um clube de desporto, para que todos aqueles que, pelas suas obrigações quotidianas, necessitavam aproveitar alguns momentos de repouso, o fixassem em contacto com o sol, o rio, o mar ou o campo.

Salazar falou aos desportistas portugueses dizendo-lhes da sua mágoa de não ver aos domingos o lindo Tejo juncado de velas brancas dos barcos de recreio e de desporto. As suas palavras foram magnífico incentivo para que a iniciativa dos funcionários hospitalares mais rapidamente se tornasse um facto. E fundou-se o Clube Náutico "Mare Nostrum".

Praticar o desporto pelo desporto — foi a divisa adoptada logo no início e sempre valorizada no decorrer da vida do clube, que tem procurado dar aos seus sócios os meios mais práticos e económicos de fazer um pouco de vida ao ar livre.

Orientação deveras interessante e de magníficos resultados para indicar o caminho do mar aos novos, foi posta em prática pelo clube: construção de barcos o mais economicamente possível, de maneira a poder-se popularizar o desporto da vela. O projecto teve a melhor visibilidade e construíram-se as primeiras embarcações de recreio e de corridas, cujos preços foram fixados com grande vantagem para os sócios do "Mare Nostrum".

Do lado de lá do rio, primeiro na Moutela, depois na Cova do Vapor, o "Mare Nostrum" construiu postos náuticos. O da Cova do Vapor mantém-se. É uma agradável instalação, onde o sócio pode passar horas de boa disposição e melhor convívio, pois a camaradagem é cultivada pelos sócios do clube com a compreensão de que ela constitui a melhor base para triunfar o ideal desportivo.

O interesse dos primeiros adeptos pela iniciativa é fortemente ajudado pelo maior e mais dedicado entusiasta dos destinos do clube: Jorge Pinheiro. Outros nomes se lhe juntam, como os de Alexandre Pinheiro, Cunha Viana, Raimundo Pereira, Almeida Santos, Alvaro Cardoso, Joaquim Pinto Ribeiro, os irmãos Burnay, e tantos mais. A figura simpática do Visconde de Almeida Garrett, com o seu grande entusiasmo pelos desportos náuticos, veio aumentar este bloco, ao mesmo tempo que o então enfermeiro-mór dos Hospitais Cívicos, coronel Napoleão de Freitas, acarinha com interesse a iniciativa, dispensando ao clube os favores da sua influência oficial.

Junto do posto náutico da Cova do Vapor e logo a seguir instalou-se outra em praticam campismo.

Sobre o Tejo apareceram as primeiras construídas pelo clube — ideia feliz e bonita — surge to s, com entusiasmo e

por surgiu a colónia de férias Loures, para os sócios que

ras embarcações espe-
bs. Nas suas velas
a Cruz de Cris-
progresso cres-
cente, valorizou-
se imenso.

A constru-
ção de barcos
proseguiu. Os
modelos idealiz-
ados por Fran-
cisco e Horácio
Borja prova m
admiravelmente
para as condições
do nosso rio.

Os "Borjas"
são barcos demo-
dolo que se apre-
xima da classe
internacional de
13 pés, com a
vantagem de
ter a coberta e
condições excep-
cionais de estabilidade.
Os "M. N." são outro
modelo especial de barco

de recreio, também com condições especiais para o
nosso rio.

Mais de 70 barcos destes dois tipos se construíram,
dispondo ainda o clube de uma frota para ceder aos sócios
que pretendam iniciar-se no belo desporto náutico.

O "Mare Nostrum" começou assim a formar vele-
jadores, alguns dos quais, como Rui de Meneses, Soares
Branco, Carlos Rosa e Manuel e João Burnay, firmam o
seu nome de velejadores em barcos de outras classes.

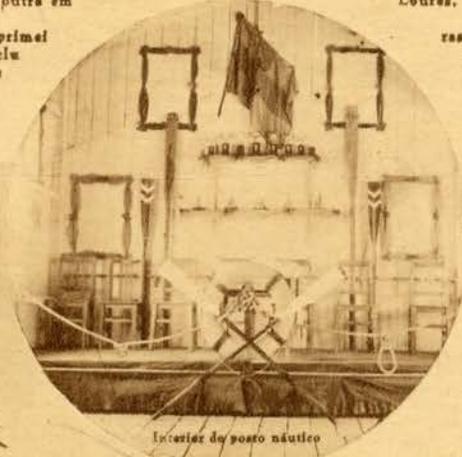
O Clube Náutico "Mare Nostrum", ao qual o
comandante Henrique Tenreiro já por várias vezes tem
honrado com referências elogiosas, proseguiu a sua excel-
lente actividade, procurando alargar muito mais os bene-
fícios que a sua orientação prevê poder conseguir.

Os projectos são excelentes.
Vai recomençar a construção de barcos — que são
fornecidos aos sócios em suaves pagamentos mensais —
e um novo modelo de classe internacional.



classe "M."
outro tipo
criado pelo
clube.

O posto náutico
do "Mare Nos-
trum" na Cova do
Vapor



Interior do posto náutico



O GRANDE CAMPEONATO

Benfica e Pôrto, os mais fortes

A influência do terreno no jogo

Crónica de TAVARES DA SILVA

A 4.ª jornada do Campeonato Nacional estava destinada, dado os cinco arranjos, a indicar o grande favorito. Caso o Benfica passasse vitoriosamente o difícil escolho salesiano, isolar-se-ia à cabeça em condições de tentar e insistir na fuga, já iniciada.

Tal como nas corridas de bicicleta, importa saber se a escapada é definitiva (hipótese do esforço isolado até à meta), ou se os outros concorrentes, pelo menos os adversários mais próximos, fortes e perigosos, conseguirão ainda revelar-se. Nada se poderá dizer em tom de última palavra sobre o assunto. Mesmo tendo-se em vista o real valor do grupo benfiquense, e a sua especial queda para os mais importantes encontros, não há dúvida que o leader vai ser objecto de perseguição muito tenaz, cada vez se desenhando mais fortemente o vigoroso duelo Benfica-Pôrto, ou mais expressivamente a velha luta Pôrto-Lisboa.

O 4.º domingo serviu também como exame do Olhanense, chamado a prestar prova pública de grande responsabilidade, pela primeira vez, nesta época, em Lisboa, vindo do casulo Padinha. Diga-se desde já que os algarvios ficaram aprovados—apesar de batidos.

Por outro lado, a questão coimbrã deu-nos a conhecer um grupo um pouco melhor do que aquilo que se julgava, incluindo-se o campo de Santa Cruz no mundo de obstáculos da maior competição portuguesa. Resultados apurados:

Belenenses.....	1 — Benfica	3
Sporting	2 — Olhanense.....	0
Académica	2 — Estoril.....	2
Vitória (Setúbal)	4 — Salgueiros	1
Pôrto.....	10 — Vitória (Guimarães) 0	

O mau tempo afastou o público da bola. Os terrenos, de um modo geral, apresentaram-se com lama e encharcados. Costuma dizer-se que, em campos nestas condições, não se pode jogar, todos se esquecendo que o futebol, defeso no verão, é jogo que se pratica em cheio na quadra de inverno, a fase própria das chuvas e temporais. Portanto, antes de mais nada, os jogadores devem estar preparados fisicamente para os grandes esforços nesta espécie de campos. Ter fôlego e energia. Ainda força muscular. Também pés que possam com a bola tanto no fim como no princípio. Se os jogadores não estiverem *trabalhados* não conseguirão, na verdade, resistir à fadiga proveniente de corpo-a-corpo mais duro e constante, de mais custosa corrida e do maior peso da bola. Além disso, os grupos deverão estar suficientemente adestrados, sob a faceta técnica, pois é evidente que não se poderá empregar os mesmos meios em terrenos secos ou em charcos. Isso não quer dizer que o campo inundado de água e lama não teria beleza ao jogo que, nos seus fundamentos, é formado por uma série de movimentos e pontapés precisos, já que a própria água e lama impedem e destroem a precisão no jogo rasteiro, tornando igualmente mais difícil o domínio da bola no jogo por alto, porque esta, insubmissa, foge e escorrega. Todavia, os grandes *teams* sabem adaptar-se às condições do terreno, eliminando ao máximo as dificuldades provenientes do caso.

Na apresentação das linhas verifica-se que, ou a lei dos castigos ou a das lesões, continúa a fazer estragos, pondo em destaque a vida e chamada dos suplentes. Espreitando pelos *teams* encontra-se sempre alguma coisa de novo: um jogador que muda de lugar; elementos novos chamados às primeiras fileiras. Este campeonato, a semelhante respeito, está a dar a indicação preciosa de que há muitos jogadores em formação. Mais do que calculávamos. Rapazes hábeis, a quem só falta o calo da luta. Eis o sumo que se pode espremer de uma jornada que, confirmando ou destruindo juízos, matou algumas ilusões, fazendo renascer a fé em certos sectores. Acrescentando-se que o estado dos terrenos como o da passada jornada, exercem influência não só no jogo mas na arbitragem que deverá exercer-se à luz de um critério em conformidade com os elementos de ordem natural postos na luta.

Uma partida nas Salésias, excelentemente disputada, dadas as condições do terreno

Quando se apregoa aos quatro ventos que cada vez se joga menos e que o jogo de posição estraga o futebol, dando-lhe fealdade, eis que surge a partida das Salésias, de futebol luminoso, apesar das condições do terreno, e de ambas as equipas seguirem disciplinadamente o sistema de marcação. É que esse processo, ao contrário de que muitos julgam, contém na sua prática a ideia de construir, que é a fase que se segue à destruição.

Não alonguemos, no entanto, este problema, e repisemos tratar-se de um bom jogo, construindo ambas as equipas lances de conjunto magníficos, muitas vezes saídos dos pés dos defesas para terminarem nas rédes contrárias. Quere dizer, futebol ligado e unido, de boa mecânica, aparecendo os grupos como máquinas funcionando sem atritos, com todas as peças no seu devido lugar.

O Belenenses, que exerceu domínio territorial em quasi toda a primeira parte, fez uma exibição com nota elevada no sentido de con-

junto, e ainda no da demonstração da capacidade técnica de alguns dos seus elementos. São os chamados artistas da bola, que dominam o esférico e o jogam em pequenos toques de efeito, resultando estupendas jogadas de detalhe. Não é de hoje nem de ontem, porém, o abuso de passes do jogo belenense, espectáculo agradável à vista mas em prejuízo da eficiência, esquecendo-se esses avançados que, na competição, o que fundamentalmente interessa é marcar bolas. São às dezenas os jogos em que isto acontece ao Belenenses: muita jogada bem desenhada, pormenores admiráveis, domínio territorial permanente—e no fim derrota.

O Benfica, tendo produzido uma primeira parte um pouco inferior, subiu depois, na segunda, de tal modo que, ao abrir-se o caminho da vitória, conseguiu o domínio e a satisfação de se dizer dèle—que venceu com justiça. Os benfiquenses jogaram de forma diferente do seu adversário, passando da defesa ao ataque num ou em dois golpes, utilizando de preferência para o desenvolvimento das suas ofensivas os homens das extremas, os melhores colocados em terrenos de lama. Os seus interiores, que fraquejaram no primeiro tempo, talvez devido às condições da relva, melhoraram à medida que o tempo decorreu, afinando a máquina. Quem contribuiu mais poderosamente para a imposição desta tática, e deu confiança ao *team* pela forma como conseguiu tapar todo o caminho aos contrários, foi o defeza Gaspar Pinto, que se encontra novamente em forma, um autêntico astro do futebol português. As arbitragens como a do portuense são desorientadoras, ora um critério, ora outro.

O Olhanense deixou excelente impressão Um Sporting sem ligação de conjunto

O Olhanense mostrou no Lumiar não ser apenas uma equipa caseira, jogando o suficiente para se afirmar que se trata de um grupo que poderá ganhar e perder contra os melhores, dentro e fora de Olhão. Impressionou-nos o desembaraço com que o *team* lutou, perdido o ar provinciano. Quer dizer, o onze reconhece em si próprio valôr e forças para combater com honra. Tem razão para isso.

O próprio terreno encharcado não lhe fez *mossa*, embora o tipo do jogo algarvio, especialmente na secção de ataque, se deva adaptar melhor ao terreno liso e limpo. Porque o *team* é constituído por rapazes fortes, valentes, de força e valentia que dá a vida de trabalho, longe da cidade e dos seus prazeres.

Os algarvios não desdenham, no capítulo defensivo, o jogo de marcação (a melhor resposta aos que combatem o sistema hoje seguido em todo o mundo por 95% dos treinadores consiste na sua adopção, em toda a parte), mas dão-se, no aspecto de ataque, a um jogo vivo, rápido, baseado na inspiração do homem. A sua linha modelar parece-nos a célula mais deficiente, já que a defesa se revelou atenta, dura e de recursos, e a avançada, unida, alegre, de jogo de cabeça magistral, com elementos de boa execução e verdadeira classe.

O Sporting apresentou-se com um arranjo novo, trazendo à luz da ribalta dois jogadores novos: um da 2.ª categoria; outro da reserva (o primeiro de bem mais largo futuro que o segundo). Devemos encorajar esta orientação. Ha rapazes que precisam de subir, de quem puxe por eles, de prática de competição. E a jogar, repetimos, que se aprende a jogar.

Precisamente, o compartimento de fundo inalterável, a linha avançada, foi a que menos apreciamos. Um *team* precisa de interiores—e também deles carece uma linha avançada. Não os teve desta vez (tê-los-á realmente?) o Sporting? No sector da frente, o trabalho leonino resultou confuso, mal ligado, desastrado. O avançado-centro sem conseguir ligar com o resto do grupo, e o grupo com ele. E mesmo sintomática a nota dos *goals* lisboetas terem sido marcados por dois médios. Linha avançada que não marca é linha a caminho do malogro.

Houve sempre luta. O Sporting começou bem, para em seguida se deixar dominar, tomando ascendente, grosso modo, no segundo tempo.

Impressões colhidas em Coimbra, Setúbal e Pôrto

Não consente a falta de espaço o desenvolvimento de alguns pontos de vista acerca dos encontros disputados em Coimbra, Setúbal e Pôrto, cumprindo-nos, no entanto, dar os traços fundamentais dessas partidas, bem curiosas, por sinal.

Vê-se que a Académica chamou alguns jogadores que andavam arreados, a prova de que o valoroso clube universitário não se resigna a perder, somente. Isto está nas tradições da Académica, e ainda bem que renasce semelhante estado de espírito. Quere dizer, *team* em perigo, toque a rebate, e todos respondem à chamada.

A Académica jogou com grande entusiasmo, maior do que o seu adversário. Este, porém, nunca se desuniu nem desanimou, organizando combinações de bom desenho, muitas das quais de idealização do avançado-centro. O jogo académico mostrou-se eficiente, e muito perigoso: remates sobre remates, alguns desafortunados. O Estoril, pela forma como se defendeu e atacou, revelou-se como grupo capaz de animar a prova. Este Estoril ha-de encarregar-se de tornar a vida muito dura a todos os concorrentes. Mesmo aos de maior prosápia.

O Chelas é campeão!

O que nos disse João Rosa acerca da vitória do seu clube

COMEÇOU a mais concorrida prova do futebol português — a que, de longe, melhor serve a sua propaganda e expansão, o Campeonato Nacional da II Divisão, que reúne a bagatela de 39 clubes, de quasi todas, senão de todas, as associações de norte a sul do País.

No domingo — primeira jornada do importantíssimo torneio — já se exibiram sessenta e quatro equipas das setenta e seis que tinham a sua primeira apresentação marcada. O mau tempo constituiu contrariedade de moita, impedindo a efectivação de alguns encontros e tomando por demais difícil a tarefa dos jogadores.

Todavia, a impressão dominante é a de que se prova virá a decorrer com crescente interesse. Tem fatalmente de ser assim quando há só um título e tão elevado número de pretendentes a ele...

Claro que esta primeira «saída» dos concorrentes poucas indicações seguras pode oferecer. E para estes primeiros comentários não podemos por de lado o que algumas equipas fizeram, por exemplo, no torneio da época finda. Há nomes que o público já se habituou a fixar, tais como o Vila Real, Sanjoanense, União de Coimbra, Sporting da Covilhã, Famalicão, etc. E diga-se de passagem que só o primeiro desiludiu na primeira jornada deste campeonato.

Antes dos habituais e breves comentários queremos apontar à curiosidade dos nossos leitores alguns números relativos aos encontros do último domingo.

Disputaram-se 32 desafios, o que equivale a dizer que pisaram os terrenos do jogo 704 jogadores, marcaram-se 132 golos e houve um empate 0-0. Não se pode dizer que a jornada não tenha sido favorável aos grupos que jogaram nos seus campos, pois 20 desafios foram ganhos por «teams» visitados e só a por visitantes, havendo a registar quatro empates.

Só três equipas conseguiram chegar à dezena de «golos» marcados: o Atlético de Portugal e o Sporting da Covilhã, ambos com 10-0, e a Sanjoanense, com 10-0. Vitórias pela tangente registaram-se seis. E só nove clubes puderam evitar que as suas rédeas fossem tocadas.

No grupo A, onde figuram os clubes do Minho, Alto Douro e Douro Litoral, disputaram-se oito encontros, com os seguintes resultados:

S. C. Vila Real-S. C. Vianense, 2-4; Boavista-Gil Vicente, 0-2; Coimbra-Ramaldense, 1-1; C. D. Aves-F. C. Infesta, 3-0; Vianense-F. C. Famalicão, 0-2; Académico-União de Lamas, 7-1; Leixões-F. C. Arintos, 6-0; Ovarense-Sporting de Espinho, 1-1.

Os resultados mais desnivelados são, como se vê, os obtidos pelos três clubes da divisão principal da A. F. do Porto, o que é, afinal, tudo quanto há de mais natural. A mais eloquente referência merece a Vianense, pela sua vitória sobre o S. C. Vila Real, no campo deste. O F. C. Famalicão forçou um «avis» e o Ramaldense justificou o seu título de campeão da II Divisão da A. F. P.

Vejam agora o Grupo B, onde estão grupos da Beira Alta, Beira Litoral e Santarém e Lisboa. Apenas seis desafios, com os seguintes resultados: União de Coimbra-U. D. Oliveirense, 7-3; Boticionense-S. C. Beira Mar, 2-2; S. L. Viseu-Lusitânia de Lourosa, 4-2; Sanjoanense-Tondela, 10-0; Sacavenense-Alhandra, 8-2; Sporting de Tomar-C. U. F. de Lisboa, 1-5.

O resultado obtido pela Sanjoanense surpreende e não deixa dúvidas quanto à superioridade do vencedor. Os atletas do Beira Mar venceram, na II Divisão, O unionistas de Coimbra e os «encarnados» de Viseu limitaram-se a confirmar vaticínios. Os dois clubes lisboetas, mais o C. U. F. do que o Sacavenense, portaram-se bem.

No Grupo C houve maior número de encontros — doze. Resultados: Alcabaca-Marinense, 2-1; Atlético-Peniche, 14-0; Operário Vilafranquense-F. Benfica, 3-2; Ferroviários-Leões de Santarém, 3-1; Seixal-Chelas, 1-3; S. L. Oliveira-Luso do Barreiro, 4-1; Ginásio C. Sul-Unionistas Unidos, 1-2; Barreirense-Fosforos, 5-2; Almada-C. Indústria, de Setúbal, 5-0; Aldegaense-União Piedade, 5-2; Amora-União de Coimbra, 4-3; Argentino-G. D. C. U. F., do Barreiro, 0-3.

A representação lisboeta não foi das mais felizes. Três clubes regressaram a casa batidos: o Marvilense, o F. Benfica e o Fosforos. Os dois primeiros ainda evitaram punição severa, mas o Fosforos, por sinal o mais cotado, não parece ter estado à altura da situação. O Chelas — esse sim — tornou bem a dificuldade da ida ao Seixal. O Almada A. C. esteve em evidência e à cabeça do Ginásio C. do Sul também se pode pensar que teve boa actuação, apesar de vencer.

O Atlético teve uma entrada na prova que fica bem assinalada com os 14-0.

*

No grupo D, efectuaram-se cinco desafios: S. L. Covilhã — Covilhãense, 0-0; S. L. Castelo Branco — Indústria Cebolense, 3-0; Sporting da Covilhã — Alcabacenses, 14-0; Lusitano de Évora — S. L. Elvas, 2-5; Lusitano de Vila Real de Santo António — Portimonense, 3-3; Farense — Louletano, 2-1.

Salientaram-se em especial os «leões» da Covilhã, embora o «score» seja muito «su», e os «encarnados» de Elvas, que tendo ga ho o campeonato da sua Associação parecem dispostos a fazer boa figura.

Os dois mais categorizados do Algarve não conseguiram demonstrar superioridade. O Portimonense continua a dar boa conta de si e o Louletano excede a expectativa.

ZÉ DO PEÃO.

O Chelas é campeão! No laborioso bairro o entusiasmo é indiscriminado. O honroso título, conquistado com brilhantismo pelo grupo chelense, foi recebido com manifestações de alegria, de sabor diverso daquelas que costumam aureolar as vitórias dos grandes clubes.

As características especiais destes clubes da 2.ª Divisão da A. F. L. — em que de mistura com o interesse pelo desporto da bola nos é dado apreciar um simpático bairrismo — notam-se claramente em ocasiões como esta que o Chelas proporcionou.

Neste ambiente, por entre afirmações entusiásticas de fé nos destinos desportivos do clube, fomos encontrar a sede do Chelas. Fizemo-lo de surpresa, numa destas últimas noites, quando estavam retidos todos os elementos da sua direcção, chefiada pelo sr. João Rosa, figura de prestígio no meio chelense, com boa visão do seu cargo, dedicação e espírito ponderado de dirigente.

A nossa visita ao Chelas desvaneceu-os, dando margem a palavras de apreço pela revista. E, como que fosse a voz de todos os seus colaboradores, o sr. João Rosa falou com interesse para a «Stadium»:

— A actividade do Clube durante os seus 33 anos de existência quasi se tem limitado ao futebol. É certo que também já praticámos «hockey» em campo, mas está provado que o futebol é o único desporto que — pelo menos até agora — consegue interessar todo o «mundo» chelense, desde os miúdos até aos graúdos — inclusive o elemento feminino, que por sinal não fica a dever nada ao sexo forte no que respeita a entusiasmo... Em futebol temos conseguido várias vezes o título de campeão nas diversas categorias, mas desde que existe o campeonato da 2.ª Divisão foi esta a primeira vez que nos foi dado esse prazer. De maneira geral temos-nos classificado bem, muito bem mesmo. Mas... temos ido a Roma sem ver o Papa! Recorde-se por exemplo o Campeonato de 1932, no qual, tendo chegado ao fim com o mesmo número de pontos que o Casa Pia, foram precisos três jogos para derimirmos a questão — que ficou resolvida a favor do nosso adversário, com o resultado de 5-4.

«Como sabe, já fizemos parte da Divisão principal, por duas vezes, e nunca saímos dela por termos ficado em último lugar...

«Apesar de lutarmos em desigualdade de circunstâncias, pois tínhamos de jogar sempre em casa do adversário, também nunca fizemos má figura — pelo contrário, o valor dos nossos rapazes foi sempre justamente apreciado.

«Através destes 33 anos de existência depararam-se-nos dificuldades enormes, que por vezes nos fazem pensar se efectivamente valerá a pena tanto trabalho, tanta cansaça. De facto, quando tudo parece correr melhor, vem sempre uma contrariedade emparar-nos os movimentos — e a algumas delas só com muita fé, muita dedicação e até — vamos — muito espírito de sacrificio, se tem podido fazer face!

«Veja, por exemplo, o que nos sucedeu com o campo do Alto dos Toucinheiros! Mal tínhamos começado a gozar os extraordinários melhoramentos que lhe introduzimos — sabe Deus com que dificuldades! — vem a expropriação

do terreno e... lá se foi tudo... Pois apesar de estarem ali gastos cerca de cem contos, nada recebemos de indemnização — e ainda pior: ficámos sem campo e sem dinheiro, porque nem sequer tínhamos acabado de pagar os débitos contraídos...

— E a posição actual do clube?

— Financeiramente é a melhor possível. O campeonato forneceu boas receitas e o nosso clube vive uma situação desafogada, sem dívidas.

— Esta vitória traz, por certo, benefícios para o clube...

— Veio na melhor altura e constitui magnífico brinde para o nosso aniversário, no próximo dia 25, em que o Chelas completa 33 anos.

«Foi um delírio por todo o bairro e é



João Rosa, rodeado de dirigentes do Chelas, fala à «Stadium»

precioso estimulante para nos encorajar, quanto a projectos!

— Que se podem prever como realidades?...

— Absolutamente! Na próxima época alargamos a nossa actividade com mais três modalidades: «handball», «basket» e «volleyball». Para a prática destas duas últimas modalidades vamos construir no nosso campo de futebol os indispensáveis recintos.

«E sentimo-nos bem amparados pela gente de Chelas. Registe que nestes últimos tempos a massa associativa aumentou muito. Já passou de mil o número de sócios!

— Não é possível um novo campo de jogos? — perguntamos então.

— O Chelas possui novo campo, o que lhe foi destinado no Bairro da Madre de Deus pelo falecido ministro Duarte Pacheco. Mas o terreno, que já nos foi entregue por deliberação camarária, necessita de grandes desaterros e terraplanagens, que custam mais de uma centena de contos. E o Chelas, que não pode arcar com esse elevado compromisso, aguarda confiado, e como então lhe foi prometido, que o Estado se interesse pela obra. Quando isso puder ser um facto, em muito se engrandecerá a actividade do popular Chelas.

— E a ideia de uma pretensa fusão entre os clubes deste lado de Lisboa?

— Tenho sobre o assunto uma ideia diferente das outras pessoas. O Chelas, nunca, por forma alguma, poderá entrar em qualquer combinação desse género. Não por egoísmo, em relação ao nosso valor e ao nosso nome, mas porque vemos na fusão um detrimento para a prática do futebol. Esta minha afirmação baseia-se num pormenor que tem de ser levado em conta.

(continua na pág. 14)



Na 4.^a jornada: **O BENFICA à frente da classificação e a primeira vitória do SPORTING**



NAS SALESIAS: 1 — Rosa capta a bola enquanto Cerqueira evita a entrada de Armando; 2 — Defesa de Acácio, porante a expectativa de Feliciano e sob o perigo da ameaça de Júlio e Teixeira; 3 — Serafim corta a tempo uma avançada de Rogério; 4 — Espectaculosa entrada de Rosa a pontapé para defender um "tiro" de Armando. Cerqueira e Eloi seguem a ousada — o feliz — intervenção; 5 — Armando vê prejudicados os seus intentos pelo arrojado de Rosa. **NO LUMIAR:** 6 — Cardoso e Moreira em luta na grande área sportinguista; 7 — Curiosa fase colhida durante um ataque do Sporting, na qual intervêm algumas das mais populares figuras dos dois "teams".



O CICLISMO DO PASSADO

JOSÉ BENTO PESSOA, «recordman» do Mundo

A vitória de um corredor português no primeiro campeonato de Espanha

O ciclismo lusitano tem um passado brilhante. Alguns dos corredores de outros tempos conseguiram salientarem-se no estrangeiro — e contra campeões de renome internacional. José Bento Pessoa e José Maria Dionizio, principalmente, foram famosos no seu tempo. E um outro português, feito corredor na Argentina, António Soares de Oliveira, grande atleta em provas de pista, bateu o campeão do Mundo, Momo, italiano, mais de uma vez, no velódromo da sua terra natal, construído em homenagem ao próprio campeão.

De todos estes grandes corredores portugueses, coube a José Bento Pessoa tornar-se mais conhecido em Espanha — e por um facto curioso, que é um título de honra para ele: ter vencido o primeiro campeonato de Espanha em estrada.

Passou-se isto em 1897 e a proeza de José Bento Pessoa mereceu já duas referências de elogio ao conceituado e categorizado jornal espanhol de desportos — a «Marca». A segunda destas referências data de há poucos meses. Vem sómente de 11 de Agosto do corrente ano. Os subtítulos do artigo eram sugestivos: «O português Bento Pessoa, vencedor da prova, percorreu os 100 quilómetros do percurso em 3 horas e 28 minutos» e «os corredores tinham de ir armados para a estrada».

É interessante juntar algumas notas para realce da brilhante vitória alcançada por José

Bento Pessoa — extraídas umas do artigo publicado na «Marca» e juntas outras pelo jornalista. Digamos, entretanto, que em 1897 não existia ainda a União Velocipédica Portuguesa, fundada em 14 de Dezembro de 1899. Nos termos da organização internacional da época, a superintendência da União Velocipédica Espanhola estendia-se aos dois países peninsulares. E os melhores corredores portugueses, profissionais quasi todos eles, mas profissionais com apuro e valor, iam disputar provas onde elas apareciam.

Quando se abriu a inscrição para o campeonato de Espanha em estrada era por isso extensiva aos corredores dos dois países. José Bento Pessoa, em plena forma, não faltou. Segundo narra a «Marca», tomaram parte na competição ciclistas de dez regiões de Espanha — e para dar caracter internacional à prova foram também corredores portugueses. Julgamos que não deve ter sido assim. Os portugueses foram por se tratar de um campeonato a que podiam concorrer. A «Marca» fala ainda de corredores, no plural, mas aponta só o nome de José Bento Pessoa.

Bento Pessoa venceu em 3 h. e 28 m., o que dá, para 100 quilómetros de percurso, a média horária de 28,846 km., nada má para uma corrida disputada há 47 anos! Nos lugares imediatos classificaram-se Sugañes, de Reus, em 3 h. e 29 m., Fabian, aragonês, e Escobar, de Torrijos. Os favoritos da corrida eram Sugañes, Pleris e Escobar. José Bento Pessoa bateu-os a todos.

O primeiro campeonato de Portugal de pista disputou-se em 1899. Pessoa ganhou a prova, deixando Luciano Pinto a meia roda.



José Bento Pessoa
(Reprodução de uma gravura da época)

Antes, no decurso de 1897, inaugurou-se em Madrid o velódromo de Chamartin. José Bento Pessoa correu também ali e ganhou uma prova internacional. Nesse mesmo ano bateu um «record» do Mundo — o dos 500 metros em pista, do grande «pistard» francês Jacquelin, que estava em 34 s. e 3/5. Pessoa fixou-o em 33 s. e 1/5. Nesta distância, e em pista, conseguiu outra vitória brilhante contra Champion, que o desafiara.

Era desta ténpera o grande corredor português.

BIBLIOGRAFIA

«A educação física na Mocidade Portuguesa»

pelo cap. Celestino Marques Pereira

EM separata do Boletim do Comissariado da «M. P.», publicou o capitão Celestino Marques Pereira, director dos serviços de Educação Física daquela Organização, o importante trabalho que apresentou como tese oficial no último congresso da União Nacional.

Este novo trabalho do activo professor e propagandista da ginástica educada em Portugal lê-se com proveito: porque trata com clareza e profundidade, ante o pensamento do leitor, o panorama geral das condições, características, objectivos e necessidades da educação física da juventude portuguesa, e porque também desenvolve em equação os elementos do problema para apresentar soluções — que podem ser discutidas mas possuem o incontornável valor de um criterio definido e argumentado a fundamentá-las.

Análisa o autor, sucessivamente, a obra feita pela «Mocidade Portuguesa» — a qual considera positiva, mas não completa, por imperiosos motivos materiais, — o contributo da iniciativa particular que lhe merece louvor, a situação da educação física ante os outros aspectos da formação da juventude e, ainda, o caso, tanto vez comentado, da dualidade existente de métodos oficiais e que classifica de uma das maiores deficiências na acção formativa, a mais grave, à qual é indispensável pôr termo.

Para possível resolução satisfatória do problema da educação física da juventude, o capitão Marques Pereira preconiza, e ninguém lhe negará acerto, unidade na chefia, orientação centralizada e descentralização na acção.

«Não se pretende com esta unidade de comando — afirma o autor — a implantação de uma ortodoxia injustificada, ou a mesma se não restringe aos princípios doutrinários e metodológicos que tornam a prática dos meios físicos processualística da formação da pessoa humana e lhe permitem alcançar as superiores finalidades imediatas apontadas à educação física. Mas onde estes princípios não estejam em causa, um salutar ecletismo impõe-se, não só como aproveitamento do que em âmbitos educativos alheios se possa colher, como fruto ainda do valor da iniciativa individual dos vários agentes de ensino. Uma casa constrói-se obedecendo-se a certas indicações taxativas, mas nada, no entanto, impede que nela se saliente e perfeitamente fique vinculada a orientação pessoal do arquitecto que elaborou os seus planos».

Após esta afirmação doutrinária, o autor esclarece a quem deva pertencer a unidade de comando, discernindo entre a Escola e a «Mocidade Portuguesa» mas optando em absoluto a Direcção Geral do Ensino, Desportos e Saúde Escolar, o que nos parece um vácuo apreciável na consistência da apreciação do assunto.

Depois de minuciosa argumentação, dentro da melhor lógica — discutível, repetimos, mas aceitável, por sinceramente fundamentada — o professor Marques Pereira conclui afirmando que a superior direcção da educação física da juventude deverá ser entregue à Organização Nacional da Mocidade Portuguesa.

S. C.

XADREZ

F. LUPI e R. NASCIMENTO

ficaram em 1.º lugar «ex-aequo» no recente campeonato de Lisboa

Apesar de estarem em presença concorrentes de força consideravelmente desnivelada, na maioria estreantes — constituindo até elenco algo modesto para a importância da prova — o campeonato de Lisboa decorreu com interesse e regularidade.

Os resultados técnicos foram os seguintes: 1.º — «ex-aequo» — Francisco Lupi e Rui Nascimento, do G. X. L., com 7 pontos; 3.º — Gabriel Russell (mestre), 6,5 p.; 4.º — F. Lasvignes, do G. X. C. S., 5,5; 5.º — Armando Dias, da I. N., 5; 6.º — A. Araújo Pereira, do G. X. L., 4,5; 7.º — «ex-aequo» — F. Cesar Rodrigues, do H. C. P., e dr. Moraes Sarmento, do G. X. C. S., 3,5; 9.º — J. Artur Costa, da I. N., 1,5; e 10.º — Alberto Mesquita, do H. C. P., 1 ponto.

Verifica-se que o Grupo de Xadrez de Lisboa alcançou boa vitória, pois os seus jogadores, mesmo excluindo Lupi, detentor do título, totalizaram, neste caso, 11,5 pontos, contra 9 do G. X. Costa do Sol, 6,5 da Imprensa Nacional e 4,5 do Hockey Clube.

O nível técnico foi inferior ao das duas últimas épocas. O único interesse da prova residiu na primeira classificação, que concede, além do título de campeão de Lisboa, o direito de inscrição no torneio dos mestres. A luta que se travou para a conquista daquela posição resumiu-se ao duelo Lupi-Nascimento, que terminou com honra para ambas as partes, como se diz: «ex-aequo», com um sensacional empate. Como não se admitiam sistemas de desempate, a Federação de Xadrez determinou que os dois jogadores disputassem um «match» de seis partidas, para a atribuição do título, sendo todavia considerados ambos candidatos a mestres.

Lupi manteve a subida de forma, predominando a impressão de que não se empregou a fundo. Nascimento exibiu-se dentro do seu estilo habitual, obtendo finalmente a reabilitação

dos muitos reveses que tem registado nos últimos tempos.

O mestre Gabriel Russell, sempre activo, se bem que não tenha feito exibição brilhante conseguiu classificar-se com certo relvêo, o que em parte o reabilita igualmente de recentes fracassos. É de considerar, porém, que estas recuperações têm valor relativo, dado que a força dos participantes no torneio esteve à quem do que seria para desejar.

Nos postos imediatos firmou-se o esperado trio Lasvignes-Dias-Araújo Pereira. O primeiro, jovem e entusiástico amador, foi a revelação do torneio. Com pouco tempo de prática, mas dotado de notável intuição, mostrou possuir o estilo característico da nova geração dos nossos xadrezistas, comportando-se brilhantemente — aliás a confirmar as boas provas dadas no recente torneio de verão. Armando Dias, um tanto afastado das competições de fundo, obteve também boa classificação e revelou excelente forma. Quanto a Araújo Pereira, começou muito bem mas fraquejou nos jogos finais. Foi duro adversário, mesmo assim, ainda que tivesse jogado, na generalidade, abaixo das suas possibilidades.

Para o sétimo lugar, com percentagem inferior a 50%, Cesar Rodrigues e dr. Moraes Sarmento averbaram um empate. Rodrigues revelou falta de contacto com o tabuleiro e M. Sarmento conseguiu secundar bem o esforço do seu «colega» Lasvignes, registando comportamento superior ao que era lícito esperar da sua menor experiência.

João Artur da Costa e Alberto Mesquita, evidenciando mais boa vontade do que saber, deram boa conta de si.

O torneio foi superiormente dirigido pelo sr. Carlos de Araújo Pires, da Federação Portuguesa de Xadrez.

NA Grã-Bretanha, pátria do desporto, não existe distinção de castas ou de classes entre desportistas e tem-se a verdadeira noção da ideia desportiva e da sua essência. O povo britânico compreende, talvez como nenhum outro, que o desporto amador é um passatempo agradável — e mesmo agora, apesar das agruras da guerra, não deixa de praticar o desporto em geral. É, de resto, uma tradição antiga, que se cumpre de pais para filhos, e os próprios reis de Inglaterra têm dado o exemplo aos seus súditos.

Lloyd George até nos períodos mais agitados da sua política, nunca deixou de jogar, diariamente, a sua partida de «golfe» — e como ele tantos outros. Mas é de Eric Liddell que vamos ocupar-nos.

Eric Liddell, um padre escocês, missionário na China, veio de propósito à Europa, em 1924, para tomar parte nos Jogos Olímpicos de Paris. Foi uma verdadeira «revolução» — pois quasi ninguém acreditava que um padre missionário, perdido nos confins do Oriente, pudesse vir ganhar um título olímpico! Mas Liddell foi mais longe: ganhou os 400 metros e bateu o «recorde» do mundo...

Não era um desconhecido nas práticas desportivas: antes de ser padre fora internacional em «rugby» e várias vezes campeão da Escócia em atletismo, principalmente em corridas de velocidade prolongada. Mas apesar de ter, como seu melhor tempo, uns 49 s. 2/10 nos 400 metros, ninguém daria nada pelo «padre missionário escocês» — como era tratado desdenhosamente... — quando se apresentou, com indumentária desajeitada, na famosa pista do estádio de Colombes.

Era opinião dominante (embora a marca de Liddell fosse igual à do sul-africano Rudd, vencedor dos Jogos de Antuérpia) que os americanos o venceriam... E quando, num quarto de final, o suíço Imbach bateu o «recorde» mundial — do americano Reidpath,

Curiosidades do Mundo desportivo

UM MISSIONÁRIO ESCOCÊS

CAMPEÃO DE ATLETISMO

que o estabelecera em 1912, nos Jogos de Estocolmo, com 48 s. 2/10 — mais se radicou a impressão de que o padre escocês não passaria de figura decorativa... Imbach fez 48 s. certos — e logo a seguir o americano Fitch baixou o «recorde» para 47 s. 8/10, o que mas reduziu as possibilidades de Liddell.

Não esqueçamos, porém, que Eric Liddell era de raça britânica: portanto, calmo, concentrado, seguro de si; veio a final — e o «padre missionário escocês» correu de maneira extraordinária, ganhando em 47 s. 6/10. Era o novo «recordman» do mundo! O americano Fitch terminou segundo e o inglês Butler foi terceiro, à frente do suíço Imbach. Eric Liddell correu também os 200 metros, sendo batido somente por Paddock e Scholz.

Durante mais de um ano, Liddell dedicou-se ao atletismo; depois abandonou o desporto de competição, definitivamente, para se devotar em exclusivo ao seu mister de missionário, lá nos confins asiáticos...

Vencedores quasi «crónicos»

DESDE 1939, por causa da guerra, que acabou o «reinato» dos canadianos em «hockey» sobre o gelo: os campeonatos que se disputaram depois, em Garmisch-Partenkirchen, quasi sempre favoreceram aos alemães, não têm carácter oficial. Mas antes da conflagração mundial o Canadá era o grande vencedor: de 1924 até 1939 só não ganhou três vezes o campeonato do Mundo da especialidade.

Veja-se a lista de campeões: 1924 (em Chamonix), 1928 (St. Moritz), 1930 (Chamonix), 1931 (Krynica) e 1932 (Hack Platide), sempre o Canadá vencedor; 1933 (Praga), foi a vez dos Estados Unidos; 1934 (Milão) e 1935 (Damos), novamente o Canadá; 1936 (Garmisch-Partenkirchen), Inglaterra; 1937 (Londres), Canadá; 1938 (Praga), Estados Unidos; 1939 (Zurique), ainda o Canadá.

Quere dizer: 9 vezes em 12, o Canadá é campeão; das outras, Estados Unidos (2) e Inglaterra.

Nos torneios europeus, de 1910 a 1939, com interrupção nos anos de 1912 e de 15 a 20, por alturas da outra guerra e a seguir ao conflito, as vitórias foram mais repartidas. Veja-se: 1910 (em Les Avants, Suíça), Inglaterra; 1911 (Berlim), Boémia, mais tarde Checoslováquia; 1913 (Munique), Bélgica; 1914 (Berlim), Boémia; 1921 (Estocolmo), Suécia; 1922 (St. Moritz), Checoslováquia; 1923 (Antuérpia), Suécia; 1924 (Milão), França; 1925 (Štrbske Pleso e Praga), Checoslováquia; 1926 (Damos), Suíça; 1927 (Viena), Austria; 1928 (St. Moritz), Suécia; 1929 (Budapest), Checoslováquia; 1930 (Chamonix e Berlim), Alemanha; 1931 (Krynica), Austria; 1932 (Berlim), Suécia; 1933 (Praga), Checoslováquia; 1934 (Milão), Alemanha; 1935 (Damos), Suíça; 1936 (Garmisch-Partenkirchen), Inglaterra; 1937 (Londres), Inglaterra; 1938 (Praga), Inglaterra; e 1939 (Zurique), Checoslováquia.

Os eslovenos delém o «recorde», com sete vitórias em 23 torneios, nos dois primeiros anos, quando ainda eram boêmios. A seguir: Inglaterra e Suécia, 4; Alemanha, Austria e Suécia, 2; Bélgica e França.

NATAÇÃO

Balanço geral da temporada

III — OS INICIADOS

RAZÃO tinha Hermano Patrone ao declarar na entrevista que nos concedeu por alturas do aniversário do seu clube: «tenho as maiores esperanças no meu irmão Guilherme».

De facto, de entre a pleiade valorosa de jovens nadadores, que é a melhor garantia do futuro da modalidade, o nome de Guilherme Patrone — infantil de 1943 — surge em grande plano. Já o afirmámos nestas colunas, mas repetimo-lo: está ali um campeão, com todos os requisitos indispensáveis, com todas as qualidades. O Algés e Dafundo terá nele, por certo, um dos seus grandes estírios de amanhã.

Nesta categoria de iniciados, o lote de nadadores de futuro é, felizmente, bastante numeroso.

Em «brucos», os melhores valores correram em representação do Algés. José Rodrigues Alves e Gentil Abreu Gonçalves, Armando Rodrigues e José Laranjo, foram os elementos mais em relevo na sua especialidade. Os dois primeiros, sobretudo, de valor muito aproximado, dirimiram a posse do título de campeão regional por 6/10 de segundo.

Em «crual» de costas, Nuno Barreto, do Estoril Praia, confirmou as belas qualidades já evidenciadas na época transacta.

Justo é, no entanto, citar nesta modalidade os nomes de Guilherme Patrone, Luís Peça Chalupa, Armando Rodrigues e Alberto Sá Borges.

Em estilo-livre, as bonras vão ainda para Guilherme Patrone, campeão regional de 100 metros, com o belo tempo de 1 m. 10,2 s. Nuno Barreto, Chalupa e Amílcar Nabais da Silva revelaram, também, boas qualidades, tendo o segundo obtido nos campeonatos regionais um tempo digno de registo — 1 m. 13,8 s.

A lista completa dos campeões de Lisboa, categoria iniciados, é a seguinte:

100 metros-brucos — José Rodrigues Alves, 1 m. 35,2 s.; 100 metros-costas — Nuno Barreto, 1 m. 25,4 s.; 100 metros-livres — Guilherme Patrone, 1 m. 10,2 s.; e 4 x 100 metros-livres — S. A. D., 5 m. 30,4 s.

Como apontamentos finais, acrescentemos que os rapazes do Algés baixaram ainda para 5 m. 18,4 s. do seu «recorde» dos 4 x 100 metros-livres, e que Guilherme Patrone se creditou, nos 33 metros-livres, do tempo de 18,2 s.

Um conimbricense em evidência

Não só em Lisboa os iniciados afirmaram as suas belas possibilidades. Em Coimbra, o jovem e habilidoso Durval Mota — que o nosso amigo Elisio Rodrigues, há uma meia dúzia de anos, ensinou a nadar nas águas do Mondego — colocando-se, na sua categoria, em lugar à parte, conquistou todos os títulos individuais e fez ainda parte da turma campeã dos 4 x 100 metros-livres.

A lista completa dos campeões conimbricense de 1944, categoria iniciados, é a seguinte: 100 metros-brucos — Durval Mota (Sport) 1 m. 35,2 s.; 100 metros-costas — Durval Mota (Sport) 1 m. 45 s.; 100 metros-livres — Durval Mota (Sport) 1 m. 15,4 s.; e 4 x 100 metros-livres — Equipa do Sport Clube Conimbricense, 6 m. 28,2 s.

Como curiosidade, observe-se serem perfeitamente iguais os tempos obtidos pelos campeões de 100 metros brucos de Lisboa e de Coimbra. Nas outras provas, as marcas dos lisboetas são superiores. Isso não ofusca, todavia, a bela proeza de Durval Mota, sendo digno de realce o tempo obtido nos 100 metros-livres.

A vitória de ELISIO RODRIGUES

no Campeonato Corporativo de Tiro

O recente campeonato corporativo de tiro veio trazer à superfície o nome de um desportista de bom quilate, Elisio Rodrigues, vencedor da prova «Iniciados», o seu primeiro triunfo em torneios desta especialidade.

De há muito que conhecemos Elisio Rodrigues e apreciamos as suas qualidades de desportista. Iniciou-se, há bastantes anos já, em práticas desportivas, no Clube Nacional de Natação, colectividade que representou em inúmeras provas, atingindo boa classe como nadador. Foi campeão regional, dois anos consecutivos, de 200 metros-brucos júniores, fez parte de equipas de estafetas que, então, deram que falar, e foi jogador de «water-polo».

Com a introdução no «basket» do clube, Elisio passou a dedicar ao popular desporto boa parcela da sua atenção e alinhou épocas consecutivas no primeiro grupo do Nacional, onde foi, tal como o havia sido como nadador, o desportista dedicado, leal, correcto e disciplinado.

Estudou. Fez-se instructor de natação. E é justamente como instructor que mais o admiramos, graças à notável obra que deixou em Coimbra. A natação conimbricense é, em grande parte, consequência do caminho desbravado por Elisio Rodrigues.

Hoje, na F. N. A. T., a personalidade de Elisio Rodrigues está por demais vinculada. O dirigente não perdeu nenhuma das qualidades que o impuseram como praticante. E a sua acção tem sido das mais proveitosas na orientação do desporto corporativo.

Mas não perdeu o gosto pelas competições. E agora apareceu-nos como atirador, uma variante mais da sua actividade, conquistando uma bela vitória num magnífico campeonato.

É igualmente digno de atenção o seu notável ecletismo.

Guilherme Magalhães, António Loureiro, Olímpio Cruz e Carlos Figueiredo — embora em plano secundário, pois Durval não teve, em qualquer das provas, adversário que o apoquentasse — são, no entanto, nomes a fixar.

E são, todos eles, esperanças da natação coimbrã — como quem diz, esperanças da natação portuguesa.

ABREU TORRES



CONHEÇA A SUA TERRA...

VIAJANDO NUMA
FLECHA
a bicicleta da actualidade

A ILUMINANTE

Agência Amizade Res. 6 - Largo do Intendente, 11-17
TELEFONES: 481847 E 51188 LISBOA

Chaves de todas as modalidades.

...? Partiram-se? Roubaram-se? — manda fazer outras na

SA DAS CHAVES

de

deu Gomes da Fonseca

A actividade desportiva de domingo, à excepção do futebol, foi reduzida devido ao mau tempo. As gravuras mostram: 1 e 2 — Fazes do jogo da 2.ª divisão nacional entre o Atlético e o G. D' Peniche, a primeira das quais um dos muitos "goals" dos alcançarentenses; 3 e 4 — No encontro de "rugby" Benfica-Sporting, para a taça "Eduardo Serra"

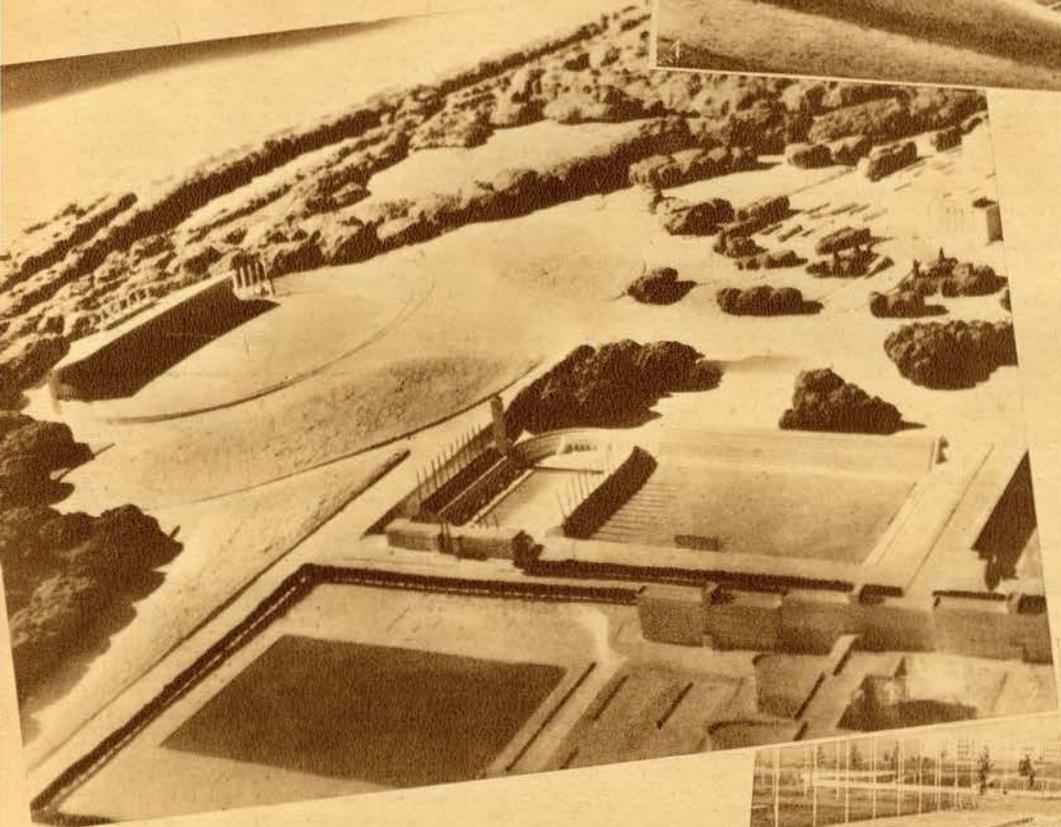
Em baixo: Atletas do Ateneu Comercial e outros participantes na festa efectuada no sábado no Futebol Benfica.

A MARCA QUE VOU USAR EM CHAPÉUS E BONÉS

Os estudantes de Madrid podem fazer desporto

A Cidade Universitária de Madrid, já quasi completamente reconstruida depois de arruinada pelos combates all travados durante a guerra de Espanha, possui instalações desportivas cujo conjunto surpreende todos os visitantes desprevenidos.

Durante a nossa última e recente viagem á capital espanhola não nos dispensámos da costumada digressão a estas magnificas dependências e tivemos a feliz e agradável companhia do presidente da Federação de Futebol, sr. Xavier Barroso, que é o architecto chefe de tódas as



de atletismo, em escalão inferior, vemos o campo para «rugby», em cujo tópo mais distante um aqueduto sustenta um caminho de passagem e alberga os vestiários próprios; por esta forma se evitaram as superestructuras que interceptassem a visão panorâmica de todo o parque. Nos edificios que, ao fundo, ladeam o limite das instalações, está instalada a Casa dos Estudantes, destinada a moradias daqueles que não têm residência própria em Madrid.

Por detraz do aqueduto referido fica o campo de futebol (fotografia 2, da «maquette» da parte terminal do projecto), ligeiramente rebaixado e com seus vestiários também sob a ponte. A seguir a este temos a piscina, ainda em construção, e ao fundo o Estádio Monumental, cujas obras ainda não

construções dependentes da Cidade Universitária. Pedimos-lhe então o favor de algumas fotografias para publicação nesta revista: foram prometidas, e a promessa cumpriu-se agora. Têm os nossos leitores ante os olhos alguns pormenores da Cidade Desportiva da Cidade Universitária madrilenha.

Duas linhas de explieação: a Cidade ocupa vasta extensão de terreno á saída de Madrid, ainda em vias de urbanização, por onde se espalham todos os edificios de escolas e faculdades; os terrenos e instalações para desporto estendem-se pela encosta de uma collina de suave pendor, que nasce na avenida de acesso e morre no vale do Manzanares.

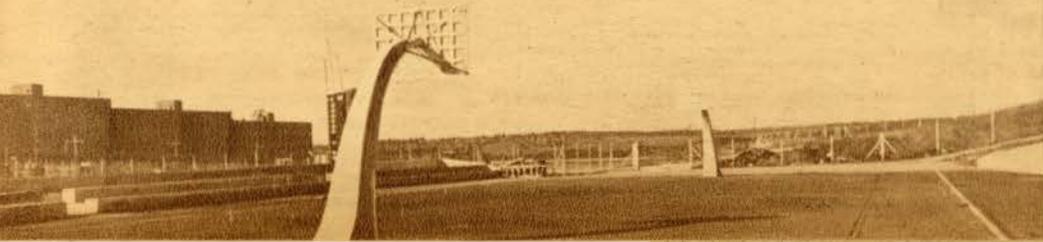
A fotografia 1 representa a vista de conjunto para quem se encontra na avenida superior: á esquerda a pista e terreno exclusivamente destinado ao atletismo, cuja bancada a a objectiva não colheu, e mesmo no primeiro plano o edificio dos balneários, antecedendo o campo de «baskets». A seguir ao



começaram. Nesta mesma fotografia vemos por detraz da bancada de futebol, os «cortinas» de «tennis» e o muro do frontão de pelota, que foi também cavado no declive do terreno, dentro dos mesmos princípios de harmonia panorâmica.

Enquanto a piscina não estiver concluida, os estudantes servem-se do famoso tanque da Fundacion Del Amo (fotografia 3) que se encontra cerca de um dos topos do terreno de atletismo.

No esplêndido campo de «basket» (fotografia 4), os postes de sustento das tabelas, em cimento armado e de harmonioso lançamento, são dos pormenores mais característicos do modernismo práctico de tódas estas magestosas obras universitárias.



Desportos de Bola

O aniversário
da STADIUM

Handball O encontro Lisboa-Madrid é o melhor brinde de Ano Novo para os desportistas da capital

COUBE ao «handball», pelo acaso de felizes circunstâncias, a insigne missão de reatar as relações práticas desportivas com a representação oficial do país vizinho e amigo, por intermédio do encontro entre as selecções regionais de Lisboa e de Madrid, marcado já definitivamente para o primeiro dia do novo ano.

A importância do acontecimento equipara-se com o interesse da competição; o público português, que como nenhum outro sabe ser hospitaleiro, reserva sempre maior empenho quando os nossos visitantes são desportistas espanhóis e, por outro lado, anima-o ainda neste caso a natural curiosidade de avaliar as possibilidades dos praticantes num excelente jogo desportivo, que em ambos os países é de recente adaptação, e ensaiar os seus primeiros confrontos internacionais.

A equipa de Lisboa, cuidadosamente escolhida e preparada pela competência de Acácio Rosa e do professor Fernando Ferreira, ensaiar-se-á em conjunto, e pela última vez, antes de prestar provas do seu valor, no próximo domingo, no campo relvado das Salésias, que é onde se celebrará o encontro com os espanhóis.

Supomos que a linha se apresentará com a constituição considerada definitiva pelo seleccionador, ressalvando é claro a possibilidade sempre vantajosa de experiências que as circunstâncias aconselhem.

Acácio Rosa não disse ainda a sua última palavra, mas poucas devem ser as dúvidas que em seu espírito permanecem. Dois ou três postos, quando muito, não estarão ainda definitivamente atribuídos; para estes, é decisivo o exame de domingo próximo.

As condições de jogo foram já estabelecidas entre as duas Associações regionais: permissão para substituir dois jogadores até ao intervalo e árbitro do país visitado.

A delegação espanhola virá acompanhada pelo presidente da federação respectiva e pelo chefe do Departamento de Federações da Delegação Nacional de Desportos, sr. Hildebrand, que foi uma das personalidades que tomou parte nas conversações de Madrid, quando da visita do dr. Salazar Carreira, Inspector de Desportos, e maior interesse demonstrou pela aproximação entre os dois desportos peninsulares.

Enquanto se espera pelo grande acontecimento, foi a jornada de domingo ocupada pelos primeiros jogos do campeonato de Lisboa; jornada de escasso interesse, porque a chuva impediu a realização de alguns encontros e porque a disparidade de valores, nesta primeira fase eliminatória da prova, é demasiado acentuada.

Os melhores jogos do programa pouco valeram: «Os Treze-Unidos» não acabou e o «Estoril-Sporting» foi muito prejudicado pelo mau estado do terreno.

Desta forma o torneio nada adiantou, pois os encontros adiados prendem nova jornada.

Rugby O «Belenses» toma a iniciativa de um torneio para segundas categorias

A temporada de rugby abriu com o torneio da taça «Eduardo Serra», pelo qual passaram já duas jornadas, mas vai ter um seguimento digno do maior aplauso com outra iniciativa do «Belenses», que vem ao encontro de uma sugestão por nós apresentada há algum tempo: um torneio para segundas categorias, com inscrição obrigatória, em cada equipa, de certo número de jogadores estreantes na modalidade.

Só assim se pode conseguir o desenvolvimento do «rugby» atraindo novos praticantes e fomentando pela maior afluência o natural estímulo entre elementos de cada clube e consecutivo progresso da equipa.

O «rugby» luta agora para retomar uma posição perdida pelos erros de alguns dirigentes pouco esclarecidos, mas cuja falência ficou como um exemplo profícuo. A classe do jogo português é ainda bastante fraca e precisa de ser acutelada na sua orientação, porque os entusiasmos prematuros arrefecem depressa e as aventuras arriscadas podem trazer consequências funestas para o futuro.

Na actualidade, apenas em Lisboa se cultiva o «rugby»—e esse é dos maiores obstáculos à sua propaganda; a campanha que mais importa agora terá precisamente por objectivo a criação de novos centros de actividade, nomeadamente no Pôrto e em Coimbra, onde a Académica poderia empenhar-se no ressurgimento de uma modalidade em que há dois anos conquistou com brilho o campeonato universitário.

JOSÉ DE EÇA

Um homem com a barba por fazer

Que feio! Tão pouco elegante! Diremos até: não agrada a ninguém e dá a impressão de pouco asseo. Mas quantas vezes o motivo é a pele, que não admite a lamina senão de dias a dias: um martírio!

Pois bem: faça a barba e aplique Gylcol—o ideal da pele—só Gylcol, e verá como obtém resultados maravilhosos e pode barbear-se todos os dias.

A venda nas principais casas da especialidade e boas farmácias.

Deposítários gerais: Vestura d'Almeida & Pena, rua do Guarda-Mór, 20, 3.º, esq. (a Santos), Lisboa.

Enviámos amostras contra 4\$50 em selos do correio, nome e morada.

Tivemos ocasião de comprovar na última semana o ambiente de simpatia que envolve a Stadium, como orgão da imprensa desportiva que procura preencher o melhor possível as suas funções, com o desejo de produzir trabalho útil para a causa que advoga, sempre norteado por conduta isenta de partidarismos, exclusivamente à base de imparcialidade e obediência rigorosa aos princípios que preconiza.

A falta de espaço não nos permite fazer já neste número, como desejávamos, a merecida referência aos muitos testemunhos de amizade que chegaram até nós. Guarda-las-emos para a próxima semana.

Por agora, queremos patentear imediatamente o nosso sincero reconhecimento pelas palavras amigas que nos foram dirigidas, de norte a sul do País, entre as quais devemos salientar as de alguns camaradas leais, que muito nos desvaneceram.

*

O corpo redactorial da Stadium reane-se hoje num banquete de confraternização, para o qual, além de individualidades em destaque no meio desportivo, estão também convidados alguns dos seus mais distintos camaradas na imprensa desportiva.

Stadium Na Capital do Norte

Notas da semana

«Felizes atletas que têm tais dirigentes»...

No autógrafa com que o sr. Director Geral de Desportos honrou o livro de ouro do Clube Fluvial Portuense, sobressaem as palavras com que encimamos esta nota.

O velho Fluvial, glória da cidade, bem mereces as palavras de apreço de que foi alvo. E a emoção sentida pelos dedicados fluvialistas foi enorme! Alípio Dias e outros não puderam esconder a alegria de verem compreendida a sua missão. A «exteriorização» disse mais do que todas as palavras que pudessem ser postas em discursos de agradecimento.

A sessão solene que encerrou as festas comemorativas do aniversário do clube decorreu com brilhantismo. Santos Niz, o orador da noite, evocou varias factas da vida do Fluvial e foi ouvido com o maior agrado pela enorme assistência que acorreu à cerimónia.

A sede para os desportos pobres

A comissão constituída pelos representantes da Associação de Basketball, Handball e Hockey em Campo e da imprensa desportiva, respectivamente Augusto Vilela, Rogério Antunes, Manuel Carvalhido e Joaquim Alves Teixeira, foi agora aumentada com um representante da Comissão Distrital dos Árbitros de Futebol, entidade que também será instalada no projectada sede para aquelas associações distritais.

Os comissionados, juntamente com a direcção da Associação de Futebol do Pôrto—entidade centralizadora neste assunto e à qual incumbe dar a última palavra para a sua solução—já efectuaram uma reunião preparatória, afim de iniciarem, com urgência, os trabalhos de que os incumbiram.

O aniversário do Clube Infante de Sagres

Nam jantar de confraternização, no qual tomaram parte dirigentes e associados do clube Infante de Sagres, comemorou-se mais um aniversário desta colectividade, que tem a sua sede em Lordelo do Ouro.

O repasto serviu de pretexto para a troca de entusiásticos brindes, através dos quais se fizeram afirmações de fé no progresso da colectividade.

Protestos em série no «handball»

Já deram entrada na Associação de Handball do Pôrto três protestos de jogos, referentes a outras tantas jornadas. Como aperitivo, não é nada mau. Todos eles se revestem de portomoneres de certa gravidade, uns a esclarecer, outros a pedirem sanções rápidas e urgentes.

Foram apresentados pelos seguintes clubes: Fontainhas, sobre o jogo com o Salgueiros, dizendo respeito à inscrição de um jogador «encarrado»; do mesmo clube, no encontro com o Sport, fundamentado numa decisão errada, em particular técnico, do árbitro do encontro; e do Desportivo de Portugal, por deficiência da marcação do terreno, no seu jogo com o Académico, no campo deste.

Três verdadeiros ébicos de obra...

O Pôrto-Galiza em «basketball»

Está em bom caminho a pretensão dos «basketballistas-galegos para encontros inter-regiões com os portuenses. As negociações continuam, afim de se conseguir a realização do primeiro jogo no dia 31 de Janeiro, por ocasião do Pôrto-Galiza em futebol.

O Chelas é campeão!

(Continuação da página 7)

«O bairro de Chelas, e zonas limítrofes, é fértil em praticantes da modalidade. Os 300 jogadores que estão hoje divididos por todos os clubes, ao efectuar-se uma fusão deixariam de constituir a característica da expansão do futebol.

«Se em vez de três clubes pudessem existir cinco com condições, tanto melhor. Além disso, a população desportiva desta parte oriental da cidade é de cerca de 7.000 pessoas, o que dá bem para animar a actividade dos três grupos.

«Recordo que o Chelas foi o único clube da 2.ª Divisão que, quando esteve na 1.ª, nunca comprometeu financeiramente as organizações dos seus jogos.

«Serve isto para firmar a razão de não aceitarmos propostas de fusão. O Chelas dispõe de uma vida que é suficiente para o impor—e o futuro virá confirmá-lo!

—E se passassem à I Divisão?

—O Chelas saberia responder condignamente. Os nossos recursos, postos à prova num caso desses, seriam para valer e a nossa presença havia de ser melhor do que da primeira vez.

—E no campeonato nacional?

—Desagrada-nos a situação em que nos coloca esse torneio. Novamente vamos para Setúbal. Lá estaremos, disciplinados, fazendo o possível por honrar o nome da nossa Associação e o título que acabamos de conquistar! Eis o que ouvimos numa destas últimas noites no gabinete da direcção do Chelas, rodeados por todos os seus dedicados elementos directivos.

O simpático clube continua como nota de bairroismo e de valor desportivo na actividade dos clubes da A. F. L.

Neste momento, quer na sede ou pelas ruas do bairro, uma só exclamação de regosiço se ouve, quando se fala da popular colectividade:

O Chelas é campeão!

FERNANDO SÁ

O grande campeonato

(Continuação da página 6)

Em Setúbal, o Vitória alinhou com suplentes, mais do que um, que se comportaram razoavelmente, o que vem provar que o *team* não se reduz às onze unidades mas está a fabricar homens. Toda a boa vontade do Salgueiros, e o seu entusiasmo, esbarrraram num conjunto superior de técnica, dextro no jogo e hábil na desmarcação.

No Pórtio, o Vitória (Guimarães) entregou-se ao jogo com verdadeira paixão afim de diminuir o mais possível a distância que o separava do seu categorizado adversário. Apesar de, a partir da meia hora, jogar sem eixo da linha medular conseguiu atingir o intervalo com as rédes puras. Compreende-se, porém, o que isto representa em sacrifício físico. O *team* tinha jogado o que podia jogar no primeiro tempo. Daí por diante — seria crueldade exigir-lhe mais, continuando no campo por dever de officio.

O Pórtio, sentindo a presa nas suas garras, começou então a tarefa impiedosa de marcar bolas e de esmagar o adversário: cinco *goals* até aos dezoito minutos, o horizonte desanuviado e a despreocupação da vida. Óptimo treino para o vencedor que, d'est modo, exibição em exhibição, se vai convencendo do seu valor. Aperfeiçoando-se.

Linhas. Árbitros. Goals

Belenenses: Acácio; Vasco e Feliciano; Varela, Gomes e Serafim; Elói, Quaresma, Armando, José Pedro e Rafael.

Benfica: Rosa; Gaspar e Cerqueira; João Silva, Moreira e Francisco Ferreira; Espirito Santo, Arsénio, Júlio, Teixeira e Rogério.

Árbitro: Anízio Morgado, do Pórtio. Pelo Benfica marcaram Júlio, Teixeira e Júlio, respectivamente, aos 28, 55 e 68 minutos. O ponto belenense foi obtido por Rafael, aos 42 minutos.

Sporting: Azevedo; Garcia Ramos e Cardoso; Barrosa, Veríssimo e Ismael; Jesus Correia, Canário, Peyroteo, Marques e Albano.

Olhanense: Abraão; Rodrigues e Nunes; João dos Santos, Grazina e Loulé; Moreira, Joaquim Paulo, Cabrita, Palmeira e Eminência.

Árbitro: Henrique Rosa, de Setúbal. Os *goals* sportinguistas foram realizados por Veríssimo e Barrosa, aos 10 e 80 minutos.

Académica: Vasco; Francisco Lopes e Mário; Joaquim João, Oliveira e António Maria; Lemos, Taborda, Faustino, Conceição e Brás.

Estoril: Valongo; Pereira e Elói; Júlio Costa, Nunes e Alberto; Lourenço, Bravo, Petrack, Vieira e Raúl Silva.

Árbitro: António Passos, do Pórtio. Pela Académica marcaram Faustino e Taborda, aos 12 e 75 minutos. Pelo Estoril: Bravo, aos 60 e 80 minutos.

Vitória (Setúbal): Baptista; Cruz e Soeiro; Pacheco, Luciano e Borrego; Passos, Nunes, Rodrigues, Rendas e Cardoso Pereira.

Salgueiros: Peixoto; Jaime e João; Rebelo, Barros e Nogueira; Renato, Oliveira, Ferreira, Alfredo e Mário Silva.

Árbitro: António Almeida, de Lisboa. Pelo Vitória realizaram *goals* Nunes, Rodrigues (2) e Passos, respectivamente, aos 23, 40, 74 e 81 minutos, tendo sido a bola do Salgueiros marcada por Mário, aos 27 minutos.

Pórtio: Barrigana; Alfredo e Guilhar; Anjos, Romão e Pavia; Lourenço, Araújo, Correia Dias, Sousa (Pinga) e Catalino.

Vitória (Guimarães): Machado; Curado e João; Zeferino, Garcia e José Maria; Atindo, Miguel, Brioso, Ferraz e Laguna.

Árbitro: Andrade Pinto, de Lisboa. *Goals* do Pórtio: Lourenço (1.º, 2.º, 3.º, 6.º e 10.º), Correia Dias (4.º, 5.º, 7.º e 9.º) e Catalino (8.º) aos 50, 53, 56, 60, 62, 70, 75, 80, 82 e 84 minutos.

BASKETBALL

Campeonato de Lisboa

Os jogos da última jornada

— Belenenses e Benfica em igualdade

PARA abrir a 2.ª volta do campeonato de Lisboa, Atlético, Benfica, Carnide e Cuf averbaram vitórias sobre Lisgás, Algés, Sporting e Belenenses. Tecnicamente, só o jogo Benfica-Algés teve certo valor, mercê do apego e entusiasmo pôsto na luta; o Benfica, melhor sucedido que no último desafio com o Belenenses, pôde concretizar o seu domínio inicial em maior número de pontos marcados, o que lhe permitiu garantir-se mais tarde contra o ascendente que o Algés foi ganhando. Portanto, pode dividir-se este encontro em duas fases: predomínio dos «carnados» na primeira, traduzida por obtenção folgada de pontos; réplica do Algés, que o Benfica foi contrabalancando conforme pôde, para chegar ao final na posição de vencedor — tudo decorrendo na melhor ordem e disciplina.

O primeiro encontro de terça-feira, Carnide-Sporting, de pouco valeu. De início ainda os «deões», sem a colaboração de David, procuraram alcançar a vitória, mas pelo decorrer da partida capitularam, chegando mesmo o desentendimento a ser a nota predominante da sua actuação. Mais um passo em frente dado pelos campeões nacionais na sua posição bastante modesta.

A vitória do Atlético sobre o Lisgás é absolutamente normal; o equilíbrio de forças que se notou em campo foi quebrado apenas no capítulo lançamentos, em que o vencedor soube concretizar com proveito aquêles que realizou. No encontro entre o primeiro e o último classificados, Belenenses e Cuf, quaisquer dos onze homens que estiveram em campo — note-se que se inclui o árbitro... — acumularam erros sobre erros: falta de atenção à defesa, indecisão no ataque e nervosismo nos lançamentos. Valério e Carlos Fernandes foram talvez os únicos que fugiram à noite quasi desastrosa dos seus companheiros.

Cheia de indecisões, a arbitragem; a maneira como apitava às faltas dava a impressão que isso se fazia por imposição do público — e daí o julgamento errado de muitas delas.

Outro facto a notar é o do número de faltas técnicas marcadas ao Lisgás pelo não cumprimento das regras quanto a substituições; mandam elas que deve ser indicado ao árbitro o número do jogador que se substitui, e não fazer essa indicação somente com o dedo no ar, ou por outra qualquer forma idêntica... Nestes casos os assobios são escusados — e incompreensíveis mesmo.

Após esta jornada, os clubes ficaram como segue: Belenenses e Benfica, 20 pontos, Algés e Atlético, 18; Carnide e Lisgás, 14; Cuf e Sporting, 12.

Verifica-se pois que a ordem é a mesma que a de há duas jornadas, com troca de lugares entre o Carnide e o Sporting. Será interessante de seguir a luta que o Belenenses e o Benfica vão travar. Talvez a partida que hão-de disputar, na jornada derradeira, vá decidir a quem pertence o título de campeão. Até lá, cuidado com o Algés...

JOÃO ASSUNÇÃO

Sr. desportista!! é fumador?

Então já notou as perturbações que lhe causa o tabaco. Cansaço, falta de vista, opressão — outra coisa não é do que o resultado de tão perigoso vício.

Combata-o com o

Elixir anti-fumante

Frasco 5\$00

Pelo correio 7\$00

A venda: em Lisboa, SIR, rua dos Fanqueiros, 262, 2.º, dt.º; no Pórtio, Azevedo & Morgado, Limitada, rua Mouzinho da Silveira, 352.

O campeonato de futebol da Ala 2 da "M. P."

Dentro das suas características habituais de correção e entusiasmo, continuou a disputar-se o campeonato de futebol da Ala 2 da «Modidade Portuguesa», que teve, no sábado e domingo últimos, os jogos correspondentes à quarta e quinta jornadas.

No sábado, no campo do Liceu Pedro Nunes, a Escola Manuel Bernardes e a Escola Latino Coelho forceram a partida mais equilibrada da jornada e cujo resultado traduz esse equilíbrio: 1-1. Já o mesmo se não verificou no encontro seguinte, em que foram adversários o Liceu Gil Vicente e a Escola de Patrício Prazeres. Enérgicos e voluntariosos, os rapazes do Gil Vicente venceram e convenceram — e ao cabo dos 60 minutos de jogo haviam batido os seus correctos adversários por 4-0.

No campo do Liceu Gil Vicente, o «onze» do Liceu D. João de Castro bateu a turma representativa da Escola Académica por 2-0, vitória regular, que se ajusta, de modo igual, à forma como o encontro decorreu.

O desafio Escola Machado de Castro — Académico não durou o tempo regulamentar devido à falta de visibilidade — a altura da suspensão — 25 minutos do segundo tempo — ganhava a Machado de Castro por 1-0.

No domingo, no campo do Liceu Pedro Nunes, o Centro Extra-Escolar no 18, de Alhandra, e Escola Val-sassinas, a despeito do mau tempo e do estado bastante precário do terreno, lutaram com brio, fornecendo um encontro interessante de seguir, que terminou com os grupos empatados a uma bola.

Um pouco contra a expectativa, o Liceu Passos Manuel venceu a equipa dos Párpilos do Exército por 2-1, com 2-0 ao intervalo. Esta última partida — que foi criticosamente dirigida por José Travassos — despertou natural entusiasmo, assistindo-se a boas fases de futebol.

Clube Náutico "MARE NOSTRUM"

(Continuação da pág. 5)

Proceder-se-á a diversos melhoramentos na colónia de férias e no pósto náutico, verdadeiro ponto de refúgio para os desportistas náuticos e pescadores que, surpreendidos por mudança brusca de tempo, ao clube se acolhem.

De esperar é que as autoridades oficialmente indicadas procurem com brevidade remediar os inconvenientes que se avizinham, pelo constante assoreamento que se está verificando na Cova do Vapor e que traz apreensivos desportistas e pescadores.

Outros projectos animam os dirigentes e sócios do «Mare Nostrum», todos ligados por sã amizade e recebendo deste actividade desportiva — além do salutar revigoramento físico que o mar e o sol concedem — exemplos de pura camaradagem, apanagem de todos quantos consultem a «família» desportiva do «Mare Nostrum».

FERNANDO SÁ

PELOS CLUBES

Rio São Sporting Club

Esta simpática colectividade, cuja acção focamos há tempos na série de reportagens acerca da obra social das associações de desporto, tem tido ultimamente actividade cultural deveras curiosa. No último domingo fez repetir, com êxito, a representação da opereta popular «Santo Amaro», escrita e representada por associados seus, entre os quais se sahebnto António M. Mendes, verdadeira vocação para o teatro musicado.

Clube Nacional de Nataçao

Para facilitar a entrada de novos sócios, o Nacional de Nataçao suspendeu o pagamento da joia para novos candidatos que sejam propostos até ao fim do ano. Os que já foram sócios terão reduzida para 25000 a importância a satisfazer pela referida joia.

S. F. Alunos de Apolo

A acção desportiva desta activa colectividade tem estado a comemorar o 4.º aniversário, para o que elaborou um desenvolvido programa. Dêste constava, no passado domingo, um budo a 200 pobres, para o qual nos foram enviadas duas senhas, que muito agradecemos em nome dos contemplados.

Carvalho Araújo Sport Club

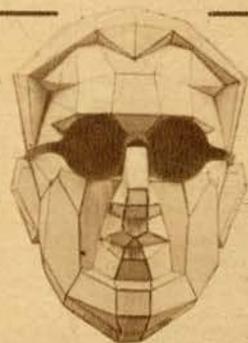
A comissão de beneficência do Carvalho Araújo S. C. effectua no próximo dia 31 um budo a 110 pobres, tendo-nos remetido uma senha com destino aos nossos protegidos. Agradecemos.

Aos nossos leitores

Prevenimos os nossos leitores que, devido às festividades do Natal e Ano Novo, os próximos dois números da nossa revista serão publicados à quinta-feira, ou seja nos dias 28 do corrente e 4 de Janeiro.

F. C. PORTO — VITORIA DE GUIMARÃES

Em cima: O 5.º *goal* portuense, marcado por Correia Dias, que rematou arrebatando a bola das mãos de Machado. Em baixo: Lourenço, depois de passar José Maria, é desarmado por Curado.



POUPE A SUA VISTA!

Use só lentes de 1.ª qualidade

Binóculos, Barómetros,
Bússolas de marcha, etc.

Casa especializada — Fundada em 1865

GIL OCULISTA

TELEFONE 2 2829 — 138, Rua da Praia, 140